

osteopata

EDIÇÃO 28 / NOVEMBRO 2021

A VIA DE
COMUNICAÇÃO

N
E
U
R
A

OSTEPATIA E LEGISLAÇÃO

FISIOTERAPEUTAS PODEM
SOLICITAR E INTERPRETAR
EXAME DE ULTRASSONOGRRAFIA
CINESIOLÓGICA?

PG. 40

GRANDES OSTEOPATAS DA HISTÓRIA

SUMMERFIELD
SAUNDERS STILL

PG. 20

OSTEOPATIA E MARKETING

TRÊS DADOS QUE TODO
FISIOTERAPEUTA DEVE
SABER SOBRE AS
REDES SOCIAIS

PG. 42

COLUNA
ANNA LANÇA
PG. 24

L

DO NOSSO
CORPO

ALEXANDRE LEMOS SALOMÃO

Osteopata



Conheça a história inspiradora do fisioterapeuta osteopata, Alexandre Salomão, e o quanto a osteopatia contribuiu em seus atendimentos hospitalares.



1. Conte-nos um pouco sobre sua trajetória profissional? Você conclui sua graduação na UNESP de Presidente Prudente/SP em 2009 e, passados alguns anos, em 2012, iniciou sua formação em osteopatia; como surgiu seu interesse pela osteopatia?

A osteopatia esteve presente em boa parte da minha graduação, através de amigos próximos que tinham interesse na área de ortopedia e desportiva. Meu grupo de estágio do último ano era formado por 5 pessoas, dentre os quais apenas eu não havia iniciado a formação em osteopatia, e essa ideia nem passava na minha cabeça, meu interesse estava voltado para a fisioterapia cardiorrespiratória, motivo pelo qual fiz residência em fisioterapia cardiopulmonar na UEL (Universidade Estadual de Londrina) no período de 2010 a 2012. No entanto, sempre me identifiquei com a filosofia osteopática, a abordagem holística e claro, chamava-me muita atenção os resultados obtidos por meus colegas.

*Hospital Sírio-Libanês
São Paulo*





gas com seus pacientes. Dessa maneira, carreguei comigo um pouco dessa bagagem que aprendi observando e discutindo sobre visão osteopática para meus atendimentos no período de residência na UEL. Foi então, que comecei a perceber que com a formação em osteopatia eu conseguiria vencer algumas barreiras que não eram possíveis apenas com a formação em fisioterapia cardiopulmonar.

Esse sentimento se intensificou depois que fui admitido como fisioterapeuta no Hospital Sírio Libanês, no ano de 2012, uma vez que muitos pacientes, após alta hospitalar, requisitavam continuidade do tratamento domiciliar, e na maioria dos casos, a doença cardiopulmonar estava associada a outras queixas como dores (lombar, cervical, no joelho, dentre outras) e alterações viscerais, por exemplo. E foi então, que busquei a formação para conseguir alcançar um tratamento mais completo e melhora da qualidade de vida de uma maneira geral desses indivíduos. Como citei, minha intenção era apenas complementar a formação que eu já possuía, mas eu não imaginava a transformação positiva que essa filosofia faria em minha vida.

2. Consta em seu histórico profissional que, por 6 anos (2012-2018), você atuou como Fisioterapeuta no Hospital Sírio-Libanês, em que a osteopatia contribuiu no desempenho de suas funções nesse período?

Eu comecei minha carreira no hospital Sírio-Libanês trabalhando na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) e permaneci nesse setor por 3 anos. Na UTI, a osteopatia foi fundamental tanto na avaliação quanto na abordagem terapêutica dos pacientes que apresentavam queixas de dor, e isso era um grande diferencial que eu tinha ali dentro. A maioria desses pacientes eram restritos ao leito pela gravidade da condição clínica ou por se tratar de pós-operatórios imediatos. Nesse contexto, sei que pode parecer difícil tratar um paciente crítico com a osteopatia, mas felizmente, o que eu posso compartilhar é que a osteopatia pode beneficiar e muito esses indivíduos, uma vez que com a redução da dor e, consequentemente, melhora da função, mais precoce se torna o processo de reabilitação ativa. A osteopatia me ensinou que com “pouco” podemos fazer muito: saber ouvir as manifestações clínicas de cada tecido é fundamental no momento de identificar a possível causa da dor daquele indivíduo.

Essa iniciativa de fazer a formação em osteopatia, aliado aos resultados clínicos positivos quando associado à fisioterapia cardiopulmonar, me trouxe a oportunidade de falar para colegas de trabalho do setor de reabilitação do hospital, por meio de uma palestra que foi intitulada "Osteopatia: bases e suas aplicações", a qual teve bom alcance interno e permitiu propagação da filosofia dessa abordagem em outros setores. Acredito que a osteopatia foi um diferencial para minha transferência através de um processo seletivo interno, para o Centro de Reabilitação - CR (área de trabalho bastante privilegiada e requisitada internamente), onde permaneci por mais 3 anos. No CR o perfil dos pacientes é bem diferente da UTI, eles não ficam internados, e os casos são os mais diversos: problemas ortopédicos, dores agudas e crônicas, e doenças neurológicas, dentre outros. Nesse contexto, o início foi desafiador, no entanto, a visão que a osteopatia me trouxe se aplicava a qualquer paciente e ela teve, portanto, um papel crucial no meu desempenho dentro desse setor, uma vez que pude trazer outro olhar para a dor dos meus pacientes por meio da integração dos diversos sistemas (musculoesquelético, visceral, craniano e postural).

3. Considera que sua bagagem profissional, especialmente seu aprofundamento da anatomia - bastante cobrada aos Osteopatas - e seu conhecimento hospitalar, contribuíram ao enfrentamento do COVID-19?

Com certeza. O que posso dizer é que a osteopatia complementa de

maneira essencial a bagagem clínica obtida com a fisioterapia cardiopulmonar. O olhar clínico de nós dessa área que possuímos também a formação em osteopatia vai além dos problemas cardiorrespiratórios que essa doença apresenta primariamente. Tive oportunidade de atender casos muito graves, nos quais os indivíduos apresentavam além dos problemas cardiorrespiratórios, alterações viscerais importantes (muitos casos de agravamento da função hepática e/ou renal durante o percurso crítico da COVID-19) o que gerou alterações fasciais relacionadas a esses órgãos e consequentemente compensações da estrutura corporal que culminavam em processos dolorosos, impossibilitando boa evolução na abordagem fisioterapêutica, se essas não eram avaliados e tratados primariamente. Além disso, os pacientes pós- COVID-19 apresentavam importante disfunção do sistema autonômico, o qual também sabemos que é de extrema importância para o bom funcionamento de diversos órgãos/tecidos.

4. Embora seja uma especialização, portanto não tão generalista como a graduação, a osteopatia também é possível ser segmentada. Qual área da osteopatia o atrai mais?

Ainda não tenho nenhuma área específica de maior afinidade. Tenho preferência pelo atendimento de adultos e aprendi dentro da filosofia osteopática que o corpo é único e indivisível, e todas as partes do corpo se correlacionam de forma direta ou indireta, dessa maneira busco me preparar para atender qualquer

pessoa que me procura. Exceto, quando se trata de atendimentos de bebês, nestes casos indico para colegas que tem mais experiência e expertise com esse público.

5. É certo que todo profissional da área da saúde orgulha-se de ser um contribuinte ao reestabelecimento da saúde de seus pacientes, mas vejo no osteopata a humildade de um incentivador, alguém que reconhece que a natureza é, por excelência, divina e dotada de poderes curativos, esperando somente ser solicitada para que proporcione saúde, para mim essa sabedoria e amors diferenciam dos outros profissionais. Diga-nos o quão orgulhoso você é de exercer essa profissão tão admirável e que conselhos você daria aos futuros osteopatas?

Sinto-me privilegiado e muito abençoado por poder exercer minha atividade profissional como osteopata. Andrew Taylor Still disse "Dizei-me a idade de DEUS e lhe direi a idade da osteopatia". Tenho orgulho em poder exercer uma filosofia tão antiga e ao mesmo tempo tão atual e viva como a osteopatia. A Bíblia nos traz ensinamentos atemporais e é assim que vejo a osteopatia no que diz respeito a sua filosofia de tratamento. Em 1 Coríntios 12.18-27 podemos verificar o princípio filosófico da unicidade do corpo. "26 - De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele to-

dos se regozijam". Exercer a osteopatia me faz sentir mais perto de DEUS e da natureza.

É admirável pensar que com nossas mãos podemos ser facilitadores da cura. Acredito que somos escolhidos para exercer essa profissão e isso me motiva a estudar, dar o meu melhor aos meus pacientes, mesmo sabendo das minhas limitações dentro do processo de cura do outro, sempre estou em busca de entregar tudo o que está ao meu alcance.

Como conselho aos futuros colegas, o que posso humildemente falar é que respeitem o seu momento na caminhada profissional, o olhar deve ser sempre voltado para frente e para o alto, evitando comparações, uma vez que nunca sabemos o que o outro já passou para chegar ali. Acreditem em vocês, aprendam a dar atenção a uma voz interna que todos possuem chamada intuição, ela fala conosco no silêncio e reflete o nosso desejo íntimo, ela fala a todo momento, mas não somos ensinados a ouvi-la. Se as circunstâncias externas dizem uma coisa e a sua intuição outra, siga sempre a segunda. Para tudo isso ir bem, estudem, e estudem muito, primeiro pelo seu compromisso com o seu semelhante, ele te procura buscando ajuda, muitas vezes já desanimados e você, isso mesmo, você pode ser a luz que ele precisa. E segundo, porque o corpo humano é incrível, no entanto, tratá-lo de maneira integrada exige estudo e dedicação.

Que possamos crescer juntos e ajudar cada dia mais pessoas.